

Oralidade e Prosódia

César Reis
(UFMG)

1. Introdução

A sentença fora de situação tem sido, apesar das teorias de análise do discurso e interacionistas, o dado da análise lingüística. O interesse pela oralidade tem esbarrado nesse modelo de análise que não contempla a frase em situação e muito menos o discurso oral. Mesmo o estudo de línguas sem tradição escrita, como as línguas indígenas americanas e línguas africanas, não mudou o foco da análise. Mostraremos em seguida que o interesse pela oralidade oferece a oportunidade de se explorar um aspecto da linguagem que só se manifesta em sua plenitude na fala espontânea, isto é, os aspectos prosódicos e, em particular, a entonação.

2. Língua falada e língua oral

CHAKER (1985) aponta algumas inadequações dos modelos de análise existentes na descrição de línguas sem tradição oral como o bérbere:

La syntaxe moderne fournit d'abord des théories descriptives des énoncés hors-situation; les productions en-situation sont presque toujours conçues comme dérivées de formes canoniques hors-situation (“auto-suffisantes”, “complètes”, “interprétables sans recours extérieur”...).

Os modelos de análise lingüística tradicionais são, pois, insuficientes para dar conta de muitos aspectos específicos da oralidade, como a subordinação sem marca, a topicalização e certas redundâncias estruturais (Ex.: “Eu te falei com cê”) etc...

Se o estudo da frase fora de situação limita drasticamente os estudos prosódicos, a situação deve ser incorporada naturalmente na análise prosódica. Outro aspecto metodológico importante é a distinção entre língua falada e língua

oral. A língua oral, segundo HAZAEL-MASSIEUX (1985), é normalmente espontânea, sua realização gráfica consistindo meramente em um processo de transcrição, enquanto que a língua falada nada mais é do que a oralização da língua escrita, mais elaborada. Nesse sentido, a leitura de uma certidão de nascimento, de uma passagem de *Os Lusíadas* ou de um noticiário é o que chamamos de **língua falada**. Já um texto teatral contemporâneo é normalmente **língua oral**. Na verdade, a fronteira entre língua falada e língua oral é bastante fluida.

A frase: “Ela mora longe”, dentro do nosso conceito de língua falada, pode ser representada graficamente das seguintes formas:

1. Ela mora longe.
2. Ela mora longe?
3. Ela mora longe!
4. Ela mora longe...
5. Ela mora longe, (e o caminho é deserto.)

Distinguir uma questão de uma asserção (como nos exemplos 1 e 2, respectivamente) ou uma continuação (como no exemplo 5) é o que é mais comum na escrita. Isto é, a escrita dispõe de recursos extremamente limitados para indicar os aspectos prosódicos da fala. Isto não significa que o escritor não se interesse em expressar diferentes atitudes e emoções. Trata-se, por um lado, de uma limitação crucial da escrita. Só a oralidade pode veicular de forma tão econômica e eficaz atitudes e emoções do locutor, através da melodia, do ritmo, da velocidade da fala, da duração, das pausas, do acento.

Em REIS (1995) pudemos mostrar como uma frase simples, terminada por um ponto de interrogação, pode na verdade ser realizada de várias maneiras, podendo, assim, veicular diferentes atitudes do falante.¹

A reflexão que normalmente se faz diante desses fatos é que, se a escrita não representa os aspectos prosódicos, é que eles não são relevantes. O prestígio da escrita, que foi responsável ao longo da história pela exclusão da oralidade, reduziu o estudo prosódico a meia dúzia de padrões entonativos. Os aspectos prosódicos, em especial o ritmo, a entonação, a velocidade de fala, a duração e diferentes tipos de pausa têm contribuição importante a dar no estudo da oralidade.

Assim, conservando-se a melodia da frase assertiva, fazendo-se variar apenas a duração da última sílaba tônica da frase acima, podemos chamar a atenção para a última palavra da frase ou então acrescentar uma atitude qualquer, que normalmente é determinada por cada situação de fala:

6. Ela mora longe.
7. Ela mora lon:ge. (localização)
8. Ela mora lon::ge. (advertência)
9. Ela mora lon:::ge (advertência + insistência)

(Obs.: Os dois pontos indicam maior duração da sílaba. Utilizamos a repetição desse sinal para o registro de diferentes graus de alongamento.)

O objetivo primordial da Teoria Fonética é a descrição e explicação do mecanismo de produção e percepção da fala. Sendo assim, não é relevante inicialmente que seus dados sejam ocorrências de língua falada ou oral, pois os mecanismos básicos para a realização de um ou outro tipo de fala são os mesmos, como as fontes sonoras, os processos de ressonância, de nasalização e de variação melódica por exemplo.

Os recursos vocais utilizados na língua falada são, entretanto, apenas um subconjunto das possibilidades articulatórias do homem. A oralidade explora naturalmente mais esses recursos vocais, fornecendo, pois, condições mais amplas de observação do mecanismo de produção da fala. Além disso, quanto mais a Teoria Fonética se interessar pela oralidade, maior contribuição fornecerá aos estudos lingüísticos. Num sentido mais amplo, pois, ABERCROMBIE (1967:2) define assim a Fonética: “*The study of the medium of spoken language, in all its aspects and all its varieties, constitutes the subject of **Phonetics***”. Na verdade, a Fonética Experimental só recentemente tem podido tratar da língua oral, devido a dificuldades no controle de variáveis, assim como da qualidade dos dados. Tratava-se, portanto, de uma limitação metodológica e não teórica.

Ao contrário do estudo da língua falada, em que há predomínio das estruturas morfo-sintáticas, no estudo da oralidade, a estrutura sonora, e em particular a estrutura prosódica, desempenha um papel de primeira importância. O estudo fonético de realizações de frases em situação representa um campo de estudos da língua portuguesa até hoje inexplorado.

3. Entonação e Atitudes do Falante

Uma questão que é relevante no estudo da oralidade é a da relação entre entonação e atitude do falante (Cf. PAKOSZI 1982; FÓNAGY, 1993; REIS, 1984; 1995). A dificuldade que encontra o pesquisador é que os dados entonativos não são acessíveis por introspecção, por questionários ou através de leitura, mas devem ser registrados em situação de fala espontânea. E é sobretudo nas frases curtas que a atitude do falante se manifesta através da entonação (Ex.: “Você viu!”, “Pode.”, “É”, “Você pode começar.”, etc....). Apresentaremos, a seguir, resumidamente, dois estudos que procuraram descrever a entonação do Português em situação de fala espontânea.

3.1. Banco de dados entonativos

Diante da ausência de estudos descritivos para o Português, torna-se necessário a implementação de um banco de dados entonativos. Realizamos uma primeira experiência, juntamente com um grupo de estudantes,² chegando a reunir sessenta frases. O objetivo era transcrever, descrever e catalogar frases curtas, ouvidas em situação de fala espontânea.

A metodologia consistia, numa primeira etapa, no registro das frases, utilizando-se para isso de um gravador camuflado ou então memorizando-se a frase ouvida, que era depois gravada no arquivo de frases, uma fita cassete comum. O grupo se reunia em seguida para o estudo prosódico da frase, que tinha sua transcrição entonativa e significado discutidos e posteriormente registrados em ficha. Cada ficha continha, pois, (a) a frase em sua forma ortográfica, (b) sua transcrição entonativa, (c) a situação em que foi ouvida, com algumas informações sobre o locutor ou interlocutores e, finalmente, (d) o provável significado. Para ilustrar, damos os exemplos abaixo:

a) Frase: “Passa debaixo”

b) Transcrição entonativa:

pa: sə dʒi 'bə: ʃu

c) Situação: no ônibus, a mãe (\pm 25 anos) manda o filho passar debaixo da roleta, pressentindo que ele pretende (ou teima) passar pela roleta normalmente.

d) Atitude: Advertência (com certa impaciência).


Quadro 01. Ficha do Banco de Dados Entonativos, contendo o registro de frase observada em fala espontânea, sua transcrição entonativa, assim como informações sobre a situação e sobre a atitude expressa pelo falante.

Foram registradas sessenta frases. Esse projeto deverá ser retomado em breve, utilizando-se, agora, os recursos da informática e do programa de análise da fala do Laboratório de Fonética da FALE.


3.2 Entonações da questão

Em estudo acústico da questão no Português (Cf. REIS, 1995), observamos que a mesma frase, terminada com ponto de interrogação (Ex.: “O café chegou?”, “O gato pega?”), foi realizada com diferentes curvas melódicas sobre a sílaba tônica final por locutores diferentes. Identificamos as seguintes curvas melódicas:


a. **Contorno A:** uma forma nitidamente ascendente (28%).

Ex.: o café che  gou?


b. **Contorno B:** o contorno ascendente termina por uma descida. Aparece, em geral, quando a tônica final é seguida de uma átona (Ex.: “O pajé pegou o gato?”).

Ex.: o café che  gou?


c. **Contorno C.** o movimento ascendente é seguido por um momento de estabilidade para continuar em seguida uma descida.

Ex.: o café che  gou?


d. **Contorno D.** Ao breve movimento inicial de subida segue-se um momento de estabilidade que termina numa descida suave até o final da vogal. Este contorno é o inverso do contorno C.

Ex.: o café che  gou?

e. **Contorno E.** Não há variação melódica significativa. Trata-se, portanto, de um contorno plano, nivelado.

Ex.: o café che  gou?

f. **Contorno F:** Movimento melódico descendente.

Ex.: o café che  gou?

Com base nesse estudo acústico, Siqueira & Fazito³ realizaram um teste perceptivo para verificar se a cada uma dessas curvas melódicas correspondiam diferentes atitudes do falante. Para isso, vinte estudantes ouviram três vezes a frase “o café chegou?” pronunciada por quatorze locutores diferentes. Num primeiro teste (Teste A), cada um dos dez sujeitos identificava a atitude expressa pelo locutor, através de um substantivo ou adjetivo. Num segundo teste (Teste B), com dez outros sujeitos, uma lista de atitudes proposta é consultada durante durante um minuto.

Contorno A [/]				
Locutores	Teste A (%)	Teste B (%)	Teste A + Teste B (%)	
I	desinteresse 30	dúvida 70	dúvida 40	
II	formalidade 30	autoritário 40	formalidade 25	
X	polidez 40	desinteresse 40	desinteresse 30	
Contorno B [^]				
Locutores	Teste A (%)	Teste B (%)	Teste A + Teste B (%)	
XI	natural 22	sensual 30	sensual 21	

Quadro 02. Resultados dos testes perceptivos, com as atitudes (em %) associadas aos contornos A e B.

Contorno C [^]				
Locutores	Teste A (%)	Teste B (%)	Teste A + Teste B (%)	
VII	interesse 40	desinteresse 20	interesse 25	
IX	interesse 44	interesse 40	interesse 45	
Contorno D [^]				
Locutores	Teste A (%)	Teste B (%)	Teste A + Teste B (%)	
VI	normal 30	desinteresse 40	desinteresse 30	
XIII	interesse 50	interesse 40	interesse 40	
XIV	interesse 30	autoritário 30	autoritário 30	

Quadro 03. Resultados dos testes perceptivos, com as atitudes (em %) associadas aos contornos C e D.

Contorno F [\]				
Locutores	Teste A (%)	Teste B (%)	Teste A + Teste B (%)	
III	interesse 40	interesse 33	interesse 22	
V	autoritário 33	desinteresse 44	autoritário 28	
XII	desinteresse 30	dúvida 30	desinteresse 20	

Quadro 04. Resultados dos testes perceptivos, com as atitudes (em %) associadas ao contorno F.

Os quadros anteriores mostram a porcentagem de concordância entre as respostas obtidas no teste A, no teste B, e, finalmente, o conjunto das respostas obtidas nos testes A e B. Observa-se que a atitude ‘interesse’, que é a mais freqüente, não aparece com os contornos A e B, que podem ser considerados como os contornos não marcados da questão. Diferentes

contornos podem ser associados à mesma atitude, como é o caso dos contornos A, D e F, que são associados à atitude “desinteresse”.

A interpretação desses resultados deve levar em consideração a dificuldade que esse tipo de teste apresenta, uma vez que a caracterização de uma atitude, assim como sua identificação, é tarefa árdua. Consideramos que, quanto três sujeitos em dez concordam quanto à atitude veiculada pelo contorno melódico, esse resultado não pode ser desprezado, sobretudo quando a mesma atitude foi registrada nos dois testes.

Trata-se de um estudo preliminar que merece um protocolo experimental mais rigoroso. A especificidade de cada contorno pode ser melhor caracterizada, talvez, pela dispersão das respostas do que pela concordância. Isto é, há atitudes que podem ser associada a um contorno, mas nunca a determinado outro contorno. Desta forma, a atitude “submisso”, que foi atribuída ao locutor III por um dos sujeitos (Contorno F), não lhe seria atribuída se o contorno fosse ascendente, por exemplo (Contorno A).

Concluimos que os contornos melódicos observados na análise acústica são percebidos como contornos distintos, podendo veicular diferentes atitudes do falante.

4. Conclusão

Este estudo confirma o que PIKE (1945) afirmava a respeito de uma classificação entonativa com base em categorias sintáticas:

For example, popular, non-linguistic tradition would seem to claim that there is a question pitch as distinct from a statement pitch; all questions are presumed to use the first of these two, and as a corollary, the question pitch would not occur on statements. The evidence fails to support the assumption. There are many more contours than one for question and one for statement. Specifically, it was a marked surprise to me to find that there are many different contours which can be used on questions (...).

Espera-se, portanto, que o interesse pela oralidade tenha como consequência mais estudos sobre os aspectos prosódicos do Português.

Notas

1. FÓNAGY (1993:27) define assim o termo “atitude”: “*Poder-se-ia portanto (...) utilizar a palavra **atitude** para designar um comportamento determinado, consciente, controlado, tendo um componente moral, intelectual, opondo-a às emoções, enquanto descargas espontâneas de uma tensão psíquica. Dever-se-ia considerar então a cólera, a alegria, a tristeza, a angústia como emoções; por outro lado, a ironia, a circunspeção, a reprovação, a justificação, seriam atitudes.*”

2. Os estudantes Carlos Ely Pimenta, Edna Marta de Almeida e Telma Borges da Silva participaram do grupo e apresentaram os resultados das pesquisas na I Semana de Iniciação Científica da UFMG.

3. Maria de Lourdes Antunes Siqueira e Pilar Fazito de Almeida Rezende, monitores do Departamento de Lingüística, apresentaram os resultados dessa pesquisa na II Semana de Ciências Humanas, Letras e Artes, realizada em Uberlândia, em maio/junho de 1995.

Referências Bibliográficas

CHAKER, S. Syntaxe de la langue ~Syntaxe de la parole? Intonation et situation dans l’analyse syntaxique: quelques points controversés en berbère. *Travaux du Circle Linguistique d’Aix-en-Provence*, 3: 121-140. Université de Provence. Aix-en-Provence, 1985.

HAZAËL-MASSIEUX, M. C. Les apports d’une grammaire de la langue orale à l’étude relations syntaxiques: à propos du créole de Guadeloupe. *Travaux du Circle Linguistique d’Aix-en-Provence*, 3: 141-162. Université de Provence. Aix-en-Provence, 1985.

PAKOSZ, M. Intonation and Atitude. *Língua*, 56: 153-178, 1982.

REIS, C. *Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado, FALE/UFMG, 1984. Inédita.

REIS, C. Analyse acoustique de la question en portugais. *Revista de Estudos da Linguagem*, 3: 135-162. FALE/UFMG, 1995.